

Mundo dos Princípios

Olavo de Carvalho

Publicado Dia 20 de abril de 2009

Parte I

Então, faça a pergunta de novo.

Aluno: então, no mundo dos princípios, o senhor fala que existe uma espécie de hierarquia: o mundo dos princípios, das ideias ou das formas e o mundo manifesto, ou mundo físico. E não ficou claro pra mim qual é a diferença exata entre as formas e os princípios...

Olavo: você está interpretando o negócio no sentido platônico e não tem de ser interpretado assim. Independentemente de qualquer cogitação que a gente faça sobre as formas ou ideias, prevalece a noção de que tudo aquilo que aconteceu, tudo que veio a acontecer – incluindo o surgimento da matéria – obedece a um certo jogo de proporções, e só acontece por causa disso. Para você supor que certos elementos preexistentes, ou certas possibilidades preexistentes, se combinaram e produziram o mundo físico (mais ou menos como na teoria do big bang), o elemento quantidade, ou proporcionalidade, está ali presente de qualquer maneira, e é esse o ponto que quero ressaltar. Quer dizer, nós não precisamos resolver a questão platônica das formas. Então, eu estou falando que esses esquemas de possibilidade, que podem ser expressos matematicamente, preexistiam necessariamente a qualquer manifestação, pois é claro que para o encontro de dois elementos, o encontro entre duas potencialidades poder gerar alguma coisa é preciso que a combinação desses elementos obedeça a uma determinada proporção matemática. Essa proporção, em si, é independente do fato desses elementos terem se combinado no dia “x” ou no dia “y”, esse conjunto de esquemas de possibilidade matematicamente definidos, ao qual tudo que está no universo obedece, preexiste ao próprio universo, senão o próprio universo jamais teria podido vir à existência. Nós entendemos que aquilo que não é possível não se torna real, mas também entendemos que o conjunto da possibilidade não é um caos, ele é um sistema de possibilidades organizadas, ordenadas e hierarquizadas. E isso não tem data, isso é eterno.

Aluno: quando o senhor fala “matematicamente”, a gente sempre tem a tendência de pensar na nossa matemática. É exatamente isso?

Olavo: sim, nós estamos falando da nossa matemática, de uma coisa quantificada, estamos falando em pura quantidade. Isso quer dizer que as razões e proporções entre os vários elementos possíveis preexistiam não só à existência desses elementos, mas ao encontro e combinação deles que vieram gerar o universo. E, como nos entendemos que esse esquema da possibilidade universal abrange necessariamente tudo o que aconteceu e independe do que aconteceu, também entendemos que o conjunto do acontecer se dá, por assim dizer, dentro da eternidade, atualizando algumas possibilidades que já estão contidas na eternidade. Essas possibilidades constituem o conjunto dos esquemas do logos divino, isto é, a lógica de Deus, a mente divina, por assim dizer.

Aluno: e quando o senhor fala de possibilidade, o possível tem vários graus de possível, não é? Nesse caso a gente esta falando de possibilidade pura, não é o possível...

Olavo: não. Eu já estou levando em conta o que o Leibniz chamava “os possíveis” e “os compostíveis”, quer dizer, estou falando da ordem estruturada das possibilidades. Essas possibilidades já estavam estruturadas antes de se manifestar, isto tem que ser assim necessariamente. Não é possível você conceber que o encontro fortuito de tais ou quais elementos produziu determinados efeitos sem que isso fosse possível antes daquele momento, isto é, sem que aquelas proporções daqueles elementos já estivessem predeterminadas a produzir aquele efeito quando o encontro dos elementos acontecesse.

Aluno: perfeito. A outra questão, questão semi-materialista ou materialista, é: como a gente sabe, quando falamos de possibilidade, que o próprio conceito de possibilidade é uma coisa que existe realmente e não uma abstração que nos fizemos a posteriori? Quando falamos de possibilidade, a gente fala muito dentro de como a nossa mente pensa...

Olavo: não. Essa não é uma questão de materialismo no sentido doutrinário, mas de materialismo no sentido perceptivo, isto é, de baixa capacidade de abstração. Se você disser que o possível é apenas uma dedução que você faz a partir daquilo que aconteceu – que não há possibilidade, há somente os fatos –, você está supondo que os entes existentes só têm a capacidade de fazer aquilo que já fizeram. Quer dizer, se não existe possibilidade dentro dos elementos, não existe toda uma gradação de possibilidade dentro dos elementos, então os elementos teriam de ser definidos somente pela sua presença estática. É o exemplo que eu dou: você esta vindo por uma rua e você vê um

cachorro, você sabe que esse cachorro pode abanar o rabo, latir, avançar em cima você e lhe morder e que ele pode sair correndo; e você sabe que ele não pode sair voando, você sabe que ele não vai lhe fazer uma citação em grego, você sabe que ele não vai lhe cobrar uma dívida – tudo isso você sabe que ele não vai fazer. Se você não soubesse nada dessas possibilidades e potencialidades que estão dentro do cachorro, seria impossível você distinguir entre um cachorro e uma cadeira, pois ele não seria um cachorro, mas apenas uma forma visual estática. Os objetos se distinguem não somente pela sua forma, mas também pelas potências que você sabe que estão neles, ou seja, a capacidade de ação. Portanto, a noção de possibilidade e a de potencialidade está dada já na própria presença dos objetos, posto que a sua capacidade de distinguir os objetos não se baseia exclusivamente na forma presente e estática que eles lhe mostram, mas no conhecimento que você tem da possibilidade deles. Como você poderia, por exemplo, gravar isto aqui se você não soubesse que essa máquina tem a capacidade de fazer isso? Se você tentasse obter o mesmo efeito, digamos, com essa borracha, você não conseguiria, mesmo que você tivesse uma borracha no formato igualzinho ao do computador. A possibilidade não é uma coisa que é abstraída *a posteriori*, ela é percebida na própria presença do objeto, porque é uma presença ativa, não é uma presença puramente estática – senão o mundo seria como um quadro estático, onde tudo está parado, tudo já tem a forma definitiva que terá para sempre e nenhum objeto fará nada, isto é, você exclui a categoria da ação. Então, normalmente, nós enunciamos esse raciocínio de possibilidade através de uma abstração, mas o fato de você ter que enunciar através de um raciocínio abstrato não quer dizer que aquilo em si mesmo não exista concretamente. Aí há uma confusão entre o modo de ser e o modo de perceber. A ideia de que nos percebemos objetos “materiais” (não precisamos definir “material” agora) e que daí deduzimos certas possibilidades que eles têm, isto é absolutamente impossível, [0:10] porque esses objetos materiais, então, teriam que mostrar apenas a sua presença atual e não suas possibilidades como de fato mostram.

Aluno: possibilidade é um dado que o real transmite.

Olavo: claro, a possibilidade, sobretudo a possibilidade já em curso de atualização, a qual nós chamamos potência (ou potencialidade ou virtualidade) é um elemento que já está presente em qualquer objeto percebido. Perceber um objeto é perceber não somente a presença estática dele, mas perceber o que ele pode fazer ou o que você pode fazer com ele. Por exemplo, quando você vê uma cadeira, você sabe que pode sentar nela, e se você vê uma fumaça, você sabe que não vai poder sentar nela. Faça uma abstração disso, faça de conta que você não percebe que não pode sentar na fumaça e que pode sentar na cadeira, quer dizer, você não percebeu cadeira nenhuma e não percebeu fumaça nenhuma, pois você percebeu apenas entes genéricos desprovidos de suas

propriedades. A possibilidade não é uma coisa que você deduz do “real”, o real desprovido da possibilidade não existe de maneira alguma. Se você não soubesse disso, seria apenas um hipotético mundo de presenças estáticas ou de fatos consumados. Mas se o mundo só tem fatos consumados – note bem! – ninguém poderia iniciar uma ação, porque para você iniciar uma ação é preciso que você saiba que o objeto da ação se presta àquela ação; você não poderia sentar numa cadeira, seria absolutamente impossível. Isso é pra você notar como a percepção de possibilidade é inerente à percepção de realidade.

Na verdade, você percebe mais possibilidades do que presenças. A sua percepção no momento está limitada ao alcance dos seus cinco sentidos, mas você sabe que aquilo que está ao alcance dos seus cinco sentidos não está solto no ar: nós não podemos dizer assim “não, no momento eu só estou vendo os objetos que estão na minha frente, os outros todos eu obtenho através do raciocínio abstrato”. Você não faz esse raciocínio, ninguém jamais faz esse raciocínio abstrato, você conta com aquela presença. Por quê? Porque esses objetos não existem separadamente, eles existem dentro de um quadro, dentro de um contexto de relações que já os transcendem infinitamente, e nenhum deles podem ser concebidos separadamente. Se você concebeu, por exemplo, que só existe essa sala e não existe mais nada, mas eu não posso dizer nem isso porque eu não vejo a sala inteira, eu só vejo o que está na minha frente, então só existe este lado da sala recortado de acordo com o limite do meu campo visual. Isso seria uma percepção absolutamente psicótica, pois ninguém percebe assim, acho que nem mesmo um psicótico, o psicótico sabe sentar numa cadeira, por exemplo. Isso quer dizer que normalmente existe uma diferença muito grande entre aquilo que as pessoas sabem na prática e aquilo sobre o qual elas são capazes de pensar em termos abstratos. A percepção simples é muito mais rica, muito mais poderosa, do que o pensamento abstrato. Todo mundo tem a percepção desses conjuntos onde as coisas estão integradas, mas, na hora de raciocinar, raciocina como se as coisas existissem isoladamente, então o raciocínio se torna um recorte irreal e psicótico em cima de uma realidade que as pessoas conhecem perfeitamente bem. No fundo, todo o segredo da filosofia é você puxar do seu conhecimento espontâneo da realidade o que você já sabe e não fazer de conta que não sabe aquilo que sabe nem que sabe aquilo que não sabe. Ou seja, como ser vivente, que está presente no mundo, você sabe um monte de coisas sobre as quais não é capaz de fazer o mais mínimo raciocínio filosófico. Em geral, fazemos raciocínio filosófico a partir de palavras que nós ouvimos e de noções aprendidas que sejam extremamente pobres, e quando chegamos a conseguir raciocinar algo sobre a realidade, tal como a experimentamos de fato, então é porque fizemos um grande progresso. Mas veja, por exemplo, a pergunta que você fez de que existe mesmo a possibilidade ou ela é deduzida de alguma coisa: o que é que isso reflete? Uma falta de observação. Não é por um erro de lógica que você fez. Você

não observou a situação real na qual você percebe uma possibilidade, você usou os conceitos abstratos de possibilidade e realidade, tal como usados em conversações, debates etc. etc., quer dizer, está raciocinando a partir de símbolos secundários, uma espécie de segunda, terceira ou quarta mão. Então, por isso também que é perigoso você começar a ensinar filosofia para as pessoas a partir de textos, de livros etc., pois elas vão raciocinar a partir de elementos já muito secundários, sem ser capazes de saber que existe essa possibilidade de raciocinar a partir da realidade. Raciocinar a partir da realidade é difícil. Por quê? Porque, como já dizia Aristóteles, a inteligência humana não é capaz de fazer abstrações, construir conceitos abstratos a partir dos dados sensíveis, ela faz a partir de dados conservados na memória, nos quais já houve uma seleção. Entre uma situação vivida e a que fica na memória já há uma seleção. Do que ficou na memória, algumas imagens criam focos, tornam-se mais importante, mais visíveis do que as outras, e é em cima dessas imagens que nós criamos conceitos abstratos. Isso quer dizer que os nossos conceitos abstratos, em geral, referem-se apenas a uma parcela insignificante da experiência, que é aquela parcela que se conservou, que a nossa memória selecionou.

Aluno: Isso tem a ver com uma explicação você já deu muito tempo atrás de que você não precisou perceber todos os cachorros pra você deduzir jamais vai se deparar com um cachorro azul...

Olavo: Ah, sim! Isso é um outro elemento muito importante também, só que é já mais avançado. Por exemplo, a ideia corrente de abstração, ou seja, que você olha as coisas e, daquilo que você observa, você seleciona e cria os conceitos das espécies, não é uma ideia muito exata. O que o Aristóteles está falando sobre essa teoria da abstração, ele está se referindo ao processo temporal pelo qual você faz a abstração e não ao fundamento de validade da abstração, que não tem nada que ver. Por exemplo, quando você forma a imagem de um cachorro e você cria, então, o seu conceito de cachorro, aquele conceito está baseado apenas nos cachorros que você viu. Porém, o que exatamente você viu dos cachorros? O quanto você viu dos cachorros? Há um monte de coisa que você viu, ali, que não faz parte do seu conceito, mas que está lá e que são as propriedades do cachorro. E as propriedades têm que ser estritamente coerentes com o conceito geral. Por exemplo, não faz parte do conceito de cachorro o fato de que ele não voa, mas se você não sabe que o cachorro não voa você não sabe o que é um cachorro. Agora, como é que você sabe que os cachorros não voam? Foi porque você viu um montão de cachorros e nenhum deles voou? Você imagina quantos seres você precisaria ter observado muitíssimas vezes para você fazer uma série infundável de raciocínios até você chegar, por indução, a compreender tudo isso! Era assim que a psicologia do século XIX explicava ^[0:20] a origem dos conceitos abstratos, ou seja, era tudo obtido por indução. Mas Aristóteles nunca disse que se obtém por indução. Se você conhece um único

membro, você é capaz de abstrair, nele, a forma geral da espécie, porque essa forma está ali presente. Se você vê uma única vaca, ela tem todos os caracteres essenciais de vaca, senão não seria uma vaca. Você não precisa ver duas, três, quatro, cinco, dez vacas para, então, você, por indução, obter um esquema geral de vaca. Eu lembro até que escrevi um negócio sobre um livro de lógica do Louis Liard, que era muito usado na universidade até os anos setenta, oitenta – talvez seja usado ainda. Era um manual de lógica onde ele explicava [0:20:49] dos conceitos abstratos por indução. Mas se há uma coisa impossível, digo eu, é você obter um único conceito abstrato por indução. Por quê? A indução é comparação. Então, você viu um gato, viu outro gato, viu outro gato, viu outro gato, e você, por indução, vai somando os caracteres até que se chegue à forma geral de gato. Só que o seguinte: o quê do primeiro gato você comparou com o segundo gato? Você pode comparar, por exemplo, a forma do primeiro com a cor do segundo, a cor do segundo com a atitude do terceiro, e você nunca vai acertar. Isso significa que já no primeiro gato você precisa pegar uma forma essencial que você compara com a forma essencial do segundo gato; mas se você tem a forma essencial, você já tem o conceito abstrato. Essa capacidade de formar imediatamente os conceitos abstratos, sem qualquer indução, é a base do nosso pensamento. Mas mesmo nesse processo existe um empobrecimento na relação que tem mundo dos seus pensamentos abstratos e o mundo da sua experiência real. Como a gente busca coerência lógica para que nosso discurso não tenha contradições, a tendência é fechar num universo de discurso no qual a experiência não entra mais, e que não é, portanto, renovado pela experiência. Então, uma boa parte da técnica filosófica consiste em dissolver essas afirmações abstratas nas quais nos parcialmente acreditamos, pelo menos acreditamos na hora que nos anunciamos, mas nas quais nós não podemos acreditar na prática. Por exemplo, quando você pergunta se a possibilidade não é deduzida a partir do real, você pode até acreditar nesse momento, mas na prática você não pode acreditar nisso, porque senão você não conseguiria perceber possibilidade nenhuma; você não poderia nem fazer essa pergunta.

Aluno: tem uma diferença aí, que eu não sei se ficou clara, quando o senhor fala de perceber alguma coisa, o senhor também fala de captar a sensação e perceber; perceber envolve, ao observar alguma coisa ou ouvir alguma coisa, captar também as potencialidades. Se a gente não capta as potencialidades, isso é só uma sensação?

Olavo: não, pode não ser nem mesmo isso. Quando nós falamos sensação, nós queremos dizer as coisas que nós sentimos. Porém, algo que não age sobre você não pode ser sentido. Por exemplo, se você sente calor, você percebe claramente que esse calor é um processo que prossegue no tempo: então existe embutida ali a ideia de uma expectativa, mesmo porque a temperatura do seu corpo, quando a atmosfera aquece, ela vai crescendo. Ela não salta para um estado de calor

repentinamente. Então, que você está percebendo é um processo, e esse processo envolve naturalmente a potencialidade e a possibilidade. Se você não sentisse no seu corpo a possibilidade de estar mais frio, você não sentiria o calor; na sensação de calor existe um contraste, vamos dizer, entre o que você está efetivamente sentindo e o estado de equilíbrio, de homeostase, que o seu corpo busca no mesmo instante e que, naquele instante, só existe como possibilidade não realizada. Veja: sentir calor é sentir tudo isto. Veja que coisa inteligente é nossa percepção e como o nosso raciocínio abstrato em geral é burro em comparação com tudo que nos sabemos na percepção. Por exemplo, nós podemos acreditar que, entre a pura sensação e a noção de possibilidade, existe todo um trajeto, que sensação é uma coisa física imediata e possibilidade é uma noção abstrata, mas não é nada disso. Se não houvesse a percepção imediata da possibilidade, não haveria sensação. Quer dizer, mundo da percepção é um mundo maravilhoso que está tudo dado ali, na percepção. Todas as verdades nossas estão dadas na percepção. É na transposição da percepção para linguagem, e da linguagem para o raciocínio e à prova é que se dá o empobrecimento, é que se dá a desgraça. Se nós fossemos capazes de raciocinar com a mesma riqueza com que nos percebemos, estaria tudo resolvido, mas nós não podemos, mesmo porque as experiências passam por nós com uma velocidade impressionante e o que você conserva na memória é um esquema tremendamente empobrecido. A presença viva é uma coisa, a recordação é outra. Por exemplo, você faça uma experiência: tenta recordar o rosto de uma pessoa conhecida, um ente querido, sua mãe, sua avó, sua tia, sua namorada, qualquer um, você vai ver que você não consegue recordar o rosto dela com todos os detalhes, você lembra um esquema genérico. Então, da percepção para a memória já tem uma perda. Da memória para a recordação, que é uma espécie de memória da memória, você conseguir relembrar a mesma coisa de novo, você tem um segundo empobrecimento. Na transposição disso na expressão verbal ou pictórica tem mais empobrecimento ainda, e tem a interferência de outros elementos. Por exemplo, se você vai desenhar, uma coisa é a imagem que você imagina, ou seja, de tudo o que você percebeu já tem todos esses empobrecimentos, essa perda; sobrou no fim uma imagem, você conseguiu mais ou menos estabilizar e você quer desenhá-la. O que você vai desenhar será determinado não somente pela forma da imagem, mas pela forma dos instrumentos que você usa, como a cor e a resistência do papel, a dureza maior ou menor do lápis, etc., que são elementos que não tem nada a ver com a imagem. Então, a forma dos instrumentos de representação determina também, em parte, o resultado final, isto é, você vai fazer um desenho, o desenho não é determinado só por o que você imaginou, mas pelas limitações materiais do meio, pela forma material dos meios. E quando você vai expressar verbalmente? Bom, você vai expressar verbalmente na língua que você tem, essa língua tem uma gramática, tem um vocabulário, tem uma história que tem um conjunto de significações que já estão ali consolidados: esses são os instrumentos verbais que você tem. Esses instrumentos não foram criados

especificamente pra você dizer aquilo que você quer dizer, esses instrumentos são genéricos, são de uso público, então você vai ter que fazer uma adaptação, um arranjo. E é nesse arranjo que a coisa se perde. Então é por isso que a maior parte das discussões filosófica ou pseudo-filosóficas, mesmo entre pessoas altamente qualificadas, já não estão falando sobre nada, estão falando só sobre conceitos e formas já consolidadas numa tradição de ensino, e que podem ser manipuladas em si mesmo sem referencia às experiências originárias das quais eles surgiram. A cobrança do retorno à experiência é o que garante que toda esta criação de formas lógicas, conceptuais, etc. etc., não se transformem numa espécie de masturbação intelectual. Mas, normalmente, nas conversas, discussões de botequins, discussões de escola etc., o artificialismo das ideias é uma coisa terrivelmente sufocante. As pessoas só pensam com estereótipos e não têm a mais mínima, mínima, mínima referencia à experiência real: não sabem, literalmente, do que estão falando. Se não há uma referencia à experiência e se a experiência não é capaz de ser revivida interiormente, então você não sabe do que está falando, e é por isso que este negócio de dizer que ensinar filosofia é ensinar a pensar é uma frase ambígua. Pensar, de certo modo, todo mundo já sabe, o que as pessoas não sabem é pensar a realidade. Pensar, um computador também pensa, um macaco também pensa, minhoca também pensa, todo mundo pensa. Mas o ser humano tem essa capacidade de se reportar à realidade, de preencher de experiência viva o que ele está dizendo. Quando você vê, por exemplo, o automatismo com que um cachorro obedece as suas ordens em circunstâncias diferentes mostra que um cachorro não é capaz de fazer isso. Isso quer dizer que o estímulo verbal que você dá pra ele, esse estímulo funciona por si, independentemente das circunstâncias: é como se houvesse entre o cachorro e esse estímulo uma ligação direta, ou seja, não há mais ligação à experiência originária, não há ligação a um contexto. Agora, o ser humano muitas vezes funciona assim: pensa como um cachorro. Quer dizer, dadas certas palavras, certas frases ele reage automaticamente, sem se reportar à realidade da experiência. E a quantidade de estudo de filosofia que você tem não vai resolver nada disso aí, nada, nada, nada. Você pode até piorar.

Aluno: voltando um pouco lá nos princípios, o senhor fala que as possibilidades dentro dessa ordem que existe delas e as articulações entre elas, elas de alguma forma se limitam umas às outras. Nesse caso a impossibilidade também faz parte da possibilidade? Essas limitações que umas interpõem às outras, elas já são parte, também, desse mundo dos princípios?

Olavo: claro, a estrutura do mundo das possibilidades é o que deveria compor o conteúdo da disciplina chamada metafísica. A metafísica não lida com a realidade, tal como ela existe, a não ser a realidade considerada como parte da possibilidade. Mas a ordem interna da possibilidade é o assunto da metafísica e ao mesmo tempo é o assunto da lógica. A lógica lida com a expressão em

signos ordenados – pode ser signos verbais, signos matemáticos etc. – da ordem das possibilidades, nunca das realidades. A lógica não tem nada, nada, nada a ver com a realidade empírica. Ela só tem que ver com possibilidades. Se essas possibilidades são consideradas em si mesmas, nós dizemos que é metafísica. Se elas são consideradas no discurso humano, dizemos que é lógica. Mas, no fundo, essas duas disciplinas são as mesmas. Por exemplo, se você diz que um mais um é igual a dois, você pode estar estudando isso do ponto de vista lógico ou do ponto de vista metafísico: do ponto de vista metafísico, você terá que considerar que propriedade é esta que os seres têm, ajuntados um a um, de articular entre si uma nova forma de relação, que é a dualidade. Isso não vem do nosso pensamento. A prova disso é que se você juntar uma banana com outra banana você não comerá jamais três bananas, quer dizer, comeu a primeira, comeu a segunda, acabou: você percebe que é uma limitação externa, não fomos nós que inventamos. Ora, esse elemento de quantidade é um dos componentes do mundo real: as coisas existem em quantidades definidas e o ajuntamento delas, numa certa quantidade, cria entre elas um conjunto de relações que é limitado a essa mesma quantidade. Estou dando o exemplo da soma, mas o exemplo fica mais claro ainda na divisão. Por exemplo, quando você vai tomar as medidas de uma coisa, você toma a medida do comprimento, da largura e da profundidade: não há uma quarta dimensão extrema que você possa tomar, você pode medir dimensões intermediárias, mas maximamente separadas você não terá. Esta trindade das direções do espaço é uma limitação real dos seres físicos, eles não podem ter uma quarta dimensão espacial. Se você considerar o tempo como outra dimensão, digo: muito bem, esse é outro problema. Mas espacialmente elas não podem ter uma quarta dimensão, nenhuma coisa pode ter uma quarta dimensão espacial. Então você vê que essa forma do ternário ela é uma limitação efetiva que pesa sobre os objetos. Então, estamos raciocinando metafisicamente e não logicamente. Raciocinar logicamente sobre esse fenômeno seria ver as propriedades matemática do número 3 ou figuras definidas ternariamente, como um triângulo; ou, por exemplo, o fato de que dados dois pontos eles são suficientes para definir uma reta, porém não um plano. Aí, nós estamos analisando as propriedades desses números logicamente, mas não os números em si mesmos. Quer dizer, você pode considerar os números como puros elementos lógicos que impõem, portanto, ao seu pensamento uma série de limitações, mas você pode considerar os números como quantidades reais que impõem limitações efetivas aos próprios objetos do mundo real. Entendeu a diferença do enfoque metafísico e do enfoque lógico? Agora, estruturalmente essas duas ciências têm a mesma ordem. Quer dizer, a lógica no fim das contas é metafísica, apenas considerada na ordem do discurso e não na ordem das coisas consideradas, sejam coisas do mundo físico, sejam as próprias quantidades consideradas em si mesmas. **[transmissão encerrada]**

Parte II

Aluno: quando você falou sobre as percepções primárias e o quanto elas são ricas, e quando você passa da percepção primária para a memória, você tem que ver que elas vão sendo empobrecidas e que você, conforme vai observando essa sua percepção, perde muita coisa delas. Ou seja, se você vai ao natural, você já tem que tomar certo cuidado para que a sua percepção não seja adulterada.

Agora – pelo menos comigo isso aconteceu, eu creio que quase todo mundo que entrou na faculdade de ciências humanas no Brasil, pelo menos –, a primeira coisa que a pessoa aprende é que a sua percepção primária não está correta, e que ela precisa aprender a ter uma percepção correta do real, porque o real é uma elaboração em cima da sua percepção primária.

Olavo: bom, então, vamos por partes. É claro que a expressão senso comum – usada como sinônimo daquilo que numa sociedade todo mundo acha que sabe e está convicto –, em si, não é percepção primária, ele já é uma elaboração; e entre a percepção primária e ele existe um abismo. O senso comum de uma determinada coletividade é uma redução e estabilização de determinadas imagens e percepções que se tornarão recorrentes e que para aquelas pessoas constituirão “o mundo”, não no sentido de que elas não percebam mais nada, mas no sentido de que elas não falam sobre mais nada. Aquilo se torna moeda corrente, então são os aspectos da realidade que parecem mais presentes, reais e significativos para aquela comunidade. É evidente que se pode fazer uma análise crítica disso, mas no sentido de dissolver as limitações desse senso comum e remeter as pessoas a uma faixa de experiência mais básica e interior. Então, você teria que apelar, para isso, à experiência real pessoal dos indivíduos naquilo em que ela não coincide ou que ela não pode ser expressa nos termos do senso comum, naquilo que exigiria uma expressão já mais personalizada e mais elaborada, por assim dizer. E isso é o que o professor de filosofia teria a obrigação de fazer, mas o que eles fazem não é isso. Como eles estão convictos de que tudo é uma construção, como eles não acreditam em realidade, eles simplesmente querem substituir uma construção por outra, que, naturalmente, será mais limitadora ainda. Isso quer dizer que se uma coletividade pode estar alienada da realidade, na medida em que o conjunto de imagens do seu senso comum se tornou, para elas, “o mundo” em substituição do mundo real, o que a dita cultura universitária vai fazer é criar em cima deste senso comum um novo senso comum próprio a uma comunidade menor ainda, que é a comunidade dos alunos da universidade: mais limitada ainda do que a primeira, e na qual eles acreditarão enxergar a pura realidade e, pior ainda, acreditarão que estão sabendo mais do que os outros. Esse é um processo de imbecialização mesmo. E os professores fazem isso por quê? Porque não têm capacidade de fazer a operação propriamente filosófica, que é remeter à experiência real. A experiência real é o único teste de veracidade que nós temos. Agora, eles não podem remeter

as pessoas à experiência real primeiro por que não as conhecem e segundo porque não dominam a técnica para isso. Então, o que fazem? Fingem que estão praticando filosofia, quando, na verdade, estão apenas substituindo um conjunto de hábitos por um conjunto de preconceitos ainda mais limitadores. O que é para fazer com essas pessoas? É pra dar tapa na cara. O sujeito que faz isso não pode ser respeitado como professor, não pode ser respeitado como filósofo, porque é um charlatão. Um charlatão na mais plena expressão do termo. É alguém que não tem a menor ideia do que é filosofia e nem terá. E, pela prática repetida dessa porcaria, já se incapacitou a si mesmo de modo definitivo.

Vejam que no tempo de Sócrates não havia faculdade de filosofia. O que Sócrates fazia? Ele pegava a *doxa* e a dissolvia com uma série de perguntas. O que é a *doxa*? O senso comum, aquilo que é a expressão verbal do que todo mundo acredita, a expressão verbal que não coincide exatamente com as crenças reais – as crenças reais são aquelas nas quais você segue na prática, mas como a expressão verbal é mais limitada, você pode estar fazendo uma coisa e dizendo outra, que você, no momento, acredita que está fazendo, no momento você acredita que aquilo é a expressão da sua experiência real, mas não é. Então, Sócrates pegava a *doxa* e a dissolvia com uma série de perguntas, de modo a obrigar as pessoas a retornarem à experiência real, apelando sempre àquilo que elas já sabiam, mas não que elas sabiam na faixa verbal, ele ia sempre do verbal para o pré-verbal, e, no depósito do pré-verbal, ele pegava, então, um conhecimento mais efetivo, fundado diretamente na experiência. Todo o problema é da expressão da experiência, pois não somos capazes de expressar a experiência. A experiência, a rigor, é intransmissível, é limitada, em primeiro lugar, ao seu corpo – aquilo que um enxerga não é exatamente o que o outro enxerga e assim por diante –, ao passo que a linguagem é uma só para todos. Entre a experiência pessoal e a linguagem coletiva existe um abismo. Somente os grandes artistas da palavra são capazes de pegar a sua experiência pessoal e dar a ela uma expressão coletivamente compreensível, e essa é a função dos poetas, romancistas, dramaturgos etc. Se não fosse isso, a linguagem ficaria cada vez mais empobrecida e a comunicação entre os seres humanos seria só na base de estereótipos. Uma língua, que não está elaborada por grandes poetas etc., é uma língua de estereótipos, onde nada é visto na pureza da experiência pessoal, mas é tudo já transfigurado em esquemas. E é claro que se uma língua, um país, uma sociedade, muitas gerações ficarem sem ter bons escritores, acontecerá isso: vira o mundo do estereótipo. Então todas as conversas não se referem mais ao o que as pessoas estão vendo, sentindo, experimentando, mas àquele mínimo múltiplo comum, aquela faixa reduzida, frequentemente deformada, que é acessível à linguagem de estereótipos.

Todos nos sabemos que a experiência – isso é a base de toda a ciência que existe – é o teste de todos conhecimentos, quer dizer, se a expressão verbal que você ofereceu não corresponde a sua própria experiência, então o que você está dizendo é um *flatus vocis*, é uma coisa que não significa nada. Você tem que corrigir a sua linguagem para que ela expresse a sua experiência real.

Aluno: você acha algum idioma que seja mais talhado para facilitar... [0:10]

Olavo: não, o idioma por si mesmo, não. Depende da literatura. Não existe um idioma que por si mesmo seja melhor do que o outro. Existe o idioma que foi mais trabalhado literariamente e o que foi menos. Por exemplo, a riqueza de vocabulário, aqui, dos americanos, inclusive no jornalismo, é uma coisa tão assombrosa que você vê que crônicas de jornal, hoje em dia, são difíceis de você traduzir para o português, porque o vocabulário deles é dez vezes maior, pelo menos – cheio de nuances, cheio de truques que todo mundo aqui entende imediatamente porque o estudo da língua aqui, nas escolas, é muito bom na verdade. Aqui você tem também uma diferença menor entre a fala oral e a escrita. Só quem fala muito diferente da escrita é o pessoal muito brega. De uma certa faixa de educação pra cima, todo mundo fala mais ou menos como está na gramática. Ao passo que no Brasil essa coisa virou um abismo, o que torna tudo muito mais difícil. Eu frequentemente tenho que escolher entre ser inteligível e ser gramatical.

Bom, mas tinha outro aspecto que você levantou, esse negócio da possibilidade. Como é a objeção que você falou? “Ah isso não é científico”.

Aluno: É. Eu falei assim: que se era importante levantar essas objeções, porque essas são objeções que elas acontecem mais que naturalmente, em certos ambiente, como, por exemplo, entre os cientistas (...).

Olavo: não. Entre aquilo o que no Brasil se chama de cientistas, que é diferente, não é bem cientistas.

Aluno: (...) e uma classe científica que tem no Brasil. Por exemplo, quando a gente fala em possibilidade, a primeira coisa que vai acontecer é que eles vão falar assim: espera aí, amigo, possibilidade? Ninguém nunca me ensinou isso na faculdade.

Olavo: então, é o seguinte: você tem que voltar para as aulas que ciências do ginásio. Por quê? Toda e qualquer noção de regularidade que você usa em ciência é baseada na ideia de necessidade, e

necessidade significa impossibilidade do contrário. As estruturas, a ordem da possibilidade, que é a própria lógica, é o fundamento de toda ciência possível. Quando você aprende fazer um raciocínio – você dá duas premissas e da premissa tira uma conclusão –, você está dizendo que essa conclusão é necessária. Necessária vem do latim *nec + ceder, nec cedere* [0:12:50], aquilo que não cede, aquilo que é firme, que é duro. Essa noção de necessidade é a noção básica em todas as ciências. O que é fazer uma ciência? Passar um conjunto de experiências da linguagem do mero fato para a linguagem da necessidade, onde você vai tentar estabelecer relações constantes. Frequentemente, você não consegue criar uma relação de necessidade absoluta, então põe uma necessidade relativa, que é a probabilidade – que é uma possibilidade quantificada, por assim dizer. Mas a noção de possibilidade quantificada, ou de necessidade relativa quantificada, nada significa sem a noção de necessidade. Sem o conhecimento da estrutura das possibilidades não existe a lógica, porque a lógica é exatamente isso, e sem isso não existe ciência. A ciência é simplesmente uma transposição da linguagem do fato para a linguagem das possibilidades. Se o cara não sabe nem isto, ora, vou ser sincero com você, tapa na [queda da transmissão].

Parte III

A pergunta é “o que é o círculo de latência?” Vamos partir da seguinte constatação...

Aluno: espera aí, só para ter uma continuidade com o que foi feito ontem...

Olavo: pode perguntar.

Aluno: ontem, você estava falando sobre os princípios, certo? Como essa explicação evolui da explicação dos princípios para o círculo de latência? Ontem, você estava explicando sobre a percepção dos princípios, sobre a percepção da realidade e como que você está passando dessa explicação para o círculo de latências? Só para não perder a continuidade.

Olavo: bom, o círculo de latência é tudo aquilo que você imediatamente sabe que está no objeto, embora você não o perceba, mas, de tal modo que essa relação entre o atualmente percebido e o latente, que a presença do latente seja absolutamente necessária para que a percepção aconteça. Por exemplo, quando você vê corpos humanos, você não os está vendo por dentro, então como você os distingue de meros bonecos de papel? Você sabe que há dentro deles um sistema de órgãos e que há algum princípio de vitalidade ali operando que permite que essas pessoas sejam não apenas corpos, mas corpos animais, ou seja, corpos animados, portanto dotados de movimento próprio – não

movido apenas desde fora, você sabe que esses corpos podem se mover a si mesmos. Você sabe também que esses corpos são dotados da capacidade de perceber você exatamente como você os percebe, isto é, como membros da mesma espécie, portanto são pessoas capazes de ter uma opinião sobre você, de lhe julgar. Se você não perceber tudo isso instantaneamente, você não sabe o que é um ser humano. Agora, será possível que você só perceba efetivamente a aparência física e o resto você tenha que deduzir, construir mentalmente? Isto é absolutamente impossível.

As análises positivistas da percepção, como aquelas feitas nos capítulos exemplares do filósofo francês Alain mostrando o que chamava de antecipação (quer dizer, em toda percepção pelos sentidos existe uma antecipação), colocavam essa antecipação como produto da mente, como uma espécie de construção mental que você fazia e colava em cima do objeto; mais ou menos como quando você ao ouvir passos de um cavalo, você antecipa o cavalo, você tira a conclusão de que é um cavalo. Será que a relação entre o passo do cavalo e a presença do cavalo é a mesma que existe entre a minha percepção da forma externa do corpo e a minha consciência de que esse corpo é um corpo animado e humano? Claro que não, porque o cavalo não está efetivamente presente, o cavalo só está presente como conclusão lógica. Portanto, o exemplo que ele dá – embora seja um exemplo clássico que tenha sido repetido, por exemplo, no ensino secundário francês de filosofia durante décadas – é particularmente infeliz, porque quando você ouve os passos de um cavalo e você antecipa um cavalo, você não está vendo efetivamente um cavalo. O cavalo só existe mentalmente. Mas eu quando percebo um corpo humano, ele está presente e todos os órgãos movimentos internos e forças internas que dão sua vitalidade animal e sua presença humana estão também presentes. Elas não são visíveis opticamente, mas, de algum modo, elas são percebidas. Como que elas são percebidas? É isso que eu chamo de círculo de latência: o que você percebe não é um corpo, primariamente, mas é uma atividade, uma ação. Você não percebe o corpo como coisa inerte. Pois, se você perceber como coisa inerte, a inércia do corpo é, também ela, uma forma de ação, porque é uma inércia que permite que você exerça certas ações sobre ele, como quando você vê uma cadeira, você sabe que ela não pode sentar em você, mas você pode sentar nela: ela não vai sair andando do lugar pra sentar em você, mas você pode sair do lugar e sentar-se nela. Então a própria passividade do objeto está colocada dentro da categoria da ação: você sabe o que é possível fazer com aquele objeto.

Nesse ponto, os pragmatistas fizeram alguma contribuição na hora em que eles disseram que o conceito que você faz do objeto não é propriamente a essência do objeto, mas o que você pode fazer com ele. Isso não é totalmente exato, mas é um lembrete importante, porque a percepção do que é possível fazer com o objeto ou do que o objeto pode fazer faz parte da percepção imediata dele,

senão você não perceberia o objeto real e perceberia apenas um recorte hipotético. Como no caso do cachorro e do cachorro empalhado: você sabe que um cachorro não é um cachorro empalhado, porque o cachorro de fato late, morde, abana o rabo e o cachorro empalhado não faz nada disso, quer dizer, essas séries de ações que você espera e que você antecipa do cachorro real não são uma conclusão, não são uma dedução que você está fazendo. Para você fazer a dedução, seria possível que você visse o cachorro vivo exatamente como você vê o cachorro empalhado e então você deduzisse: olha, este aqui pode se mover e abanar o rabo e o outro não pode. Mas como é que você faria a distinção inicial entre o cachorro e o cachorro empalhado se essa diferença só surgisse de uma dedução? Não é possível. A diferença tem que estar dada instantaneamente: este cachorro tem certas possibilidades, certas potencias que este não tem. Com o cachorro empalhado o máximo que eu posso fazer é pegar ele e botar no armário, botar na estante ou deixa ele onde está. Ou seja, há uma série de coisas que eu posso fazer com ele, mas não há praticamente nada que ele possa fazer além de ocupar um lugar no espaço, acumular poeira e pesar sobre o chão onde ele está -- a ação dele consiste nisso. Mas o cachorro vivo, não, ele tem uma série de ações e você sabe que ele é um cachorro precisamente porque você sabe que ele pode latir, mas não pode miar, que ele pode te morder, mas ele não pode palitar os dentes, depois de fazer isso. Tudo isso você sabe imediatamente e se você não souber isso, você não percebe que é um cachorro. Se a diferença entre cachorro e cachorro empalhado fosse uma dedução, uma conclusão, uma inferência que você tira a partir dos dados, a distinção inicial seria impossível. Agora, você não pode dizer que a distinção se baseia na conclusão, [0:10] se baseia na inferência, porque a inferência é feita a partir da percepção da diferença, e não ao contrário. Dito isto, jamais a percepção de um objeto é simples percepção de uma forma estática presente, pois é sempre percepção de potencias, sempre percepção de possibilidades. E no mesmo sentido é o exemplo de São Tomás de Aquino: a ovelha nunca viu um lobo, o primeiro que ela vê ela sai correndo, porque ela sabe que aquilo não presta. Então não interessa, agora, saber da onde nos tiramos esse conhecimento, interessa saber que nós o temos. Mas nós não o temos somente com relação a objetos singulares, nós temos com relação, por exemplo, à relação espacial entre os vários objetos. Por exemplo, se o cachorro está a vinte metros, você sabe instantaneamente que ele levará alguns segundos pra chegar até você se ele quiser te morder; você sabe que ele não pode se trasladar simultaneamente, ele não tem essa capacidade; você sabe que ele não vai sair voando. Todo este conjunto de relações espaciais entre os objetos já está dada na percepção e esta dada desde que você é pequenininho. Por exemplo, você está no bercinho e você pode tentar estender a sua mão pra você pegar uma chupeta que está fora do seu alcance, quer dizer, você não tem a medida exata de onde está a chupeta, mas você sabe que a chupeta não virá até você. Agora, se for o caso de você mamar no peito da mãe, você sabe que não é você que vai buscar a mãe na cozinha e arrastar ela até o seu bercinho, você sabe que ela virá. Um

bebê sabe dessas coisas. Podemos investigar, mais tarde, qual é a origem deste negócio, mas, por enquanto, só estou querendo mostrar a existência e o alcance do círculo de latência. O círculo de latência é tudo aquilo que você percebe nos objetos e nas suas relações sem que esteja dado a sua percepção sensível. E digo mais: o círculo de latência é o verdadeiro objeto. O que nós chamamos de objeto físico é apenas uma abstração, nós separamos mentalmente, do círculo de latência, uma parte que é acessível aos nossos órgãos de percepção sensorial e construímos com ele um objeto que nós chamamos de objeto sensível, mas esse objeto não existe, em si mesmo, mas só existe como aspecto do círculo de latência. O verdadeiro objeto concreto é o círculo de latência, o objeto dos sentidos é uma abstração. Você vê como toda a psicologia do século XIX – que ainda influencia o ensino até hoje, influencia a mentalidade pública até hoje, de que tudo aquilo que você não percebe dos sentidos então é dedução ou construção – está inteiramente errada: eles estão trocando o abstrato pelo concreto.

Aluno: você está falando isso porque a forma do objeto dos sentidos já te dá a dica...

Olavo: a dica, não, é a presença inteira do objeto, que é o círculo de latência.

Aluno: simultaneamente a partir da forma física dele

Olavo: não é a partir da forma física. Ao contrário, nós jamais percebemos uma forma física separada do círculo de latência, jamais! Do conjunto que nós percebemos – onde há estimulação sensorial e mais a latência –, nós separamos, excluimos a latência e sobra o objeto imaginário, que nos chamamos de objeto sensível, o qual não existe e jamais existirá, porque seria o objeto sensível considerado fora das suas possibilidades de ação e paixão, fora do que ele pode fazer e o que você pode fazer com ele, e do que os outros objetos podem fazer com ele e separados de todas as relações possíveis e imagináveis com todos outros objetos. É claro que isso é uma abstração. Um objeto sensível jamais existiu, ele só existiu como invenção dos filósofos. O que existe são os círculos de latência, são as presenças vivas de objetos que agem, sofrem ação e têm relações concretas uns com os outros. Por exemplo, quando você percebe uma cadeira, ela é inerte, mas ela está em algum lugar, ela pesa sobre um chão e você sabe que ela pesa: não há cadeira com peso zero. Você sabe isso instantaneamente, mas você não está vendo o peso dela. Além disso, você sabe que o peso que ela tem, quando você tenta erguê-la, é uma coisa, e o peso que ela exerce, sobre o chão, é outra. Mais ainda: ela está em algum lugar, não pode haver uma cadeira num lugar abstrato, ela está num lugar concreto, ela está na frente de uma cadeira, atrás de outra, do lado da parede, e assim por diante. É aí que você a percebe, quer dizer, essa já é uma rede de ações e relações que existem.

E as qualidades estéticas dos objetos? São qualidades secundárias, que você só percebe depois? Porque Newton fazia distinção entre as qualidades primárias e as qualidades secundárias. As qualidades primárias são aquelas que podem ser medidas, que seria a forma sensível, a medida, o peso etc. E o resto – por exemplo, a cor, o gosto, o som etc. – são qualidades secundárias, porque elas dependem de um observador. Acontece que as qualidades primárias não estão no objeto, elas são uma relação deles com outro: nada pode ser medido e pesado em si mesmo. O que Newton chamava de qualidades primárias são, na verdade, qualidades secundárias que nós deduzimos a partir de medidas que nós fazemos. E o objeto constituído só dessas qualidades primárias não existe fisicamente, ele só existe mentalmente. O que existe é o objeto com todas suas qualidades “primárias” e “secundárias” todas juntas, nós é que separamos mentalmente. Você não pode chamar de qualidade primária algo a que você só chega mediante uma abstração. Mas quando ele diz que qualidades primárias são essas que são medidas, por assim dizer, ele cria ideia de que o objeto mensurável é a realidade e o resto são impressões subjetivas que nós tivemos em cima, quer dizer, é uma inversão total da ordem da realidade. É claro que ele fez isso sem nenhuma má intenção, ele fez isso apenas como um recurso técnico para poder montar em cima as observações físicas que ele queria fazer, ou seja, isso não é propriamente uma tese filosófica que ele está fazendo, é um método que ele inventou para poder continuar raciocinado fisicamente. Então, é mesma coisa do que dizer que tanto os objetos da física de Newton como os objetos das demais físicas não existem, eles são todos construções abstratas, não existem concretamente, eles são aspectos abstraídos da experiência real. E na experiência real todos os objetos são concretos, não são jamais abstratos. Um objeto não pode ser abstrato por si mesmo, se ele fosse abstrato por si mesmo ele teria que existir separadamente dos outros, numa espécie de vácuo. Então, é um cachorro que não está nem no ar, porque o ar é alguma coisa, ele estaria num vácuo. Pode existir um cachorro assim? Não. Então, só existem na verdade objetos concretos, dos quais nós temos a experiência de algum. Há muito outros que nós não temos experiência direta, pelo menos, mas nós sabemos que estão aí. Como, por exemplo, o interior do planeta terra: nós só vemos a superfície, mas nós sabemos que tem algo embaixo. O simples fato de você andar pressupõe que você sabe que embaixo da superfície do solo existe alguma coisa que segura o solo, senão você não se aventuraria sair do seu lugar. Nós sabemos que o solo é denso, ele não é uma folha, ele tem uma profundidade. Nós jamais vimos essa profundidade e se você fizer um burquinho de dez metros, ou até dez quilômetros sempre vai ter alguma coisa mais embaixo. Nós nunca vimos o subsolo [0:20] no qual nós andamos e, pior, nós não podemos vê-lo e andar sobre ele ao mesmo tempo: você não pode fazer um buraco e andar na superfície esburacada ao mesmo tempo. Você sabe que pra fazer uma coisa tem que tirar a outra. Isso mostra que você sempre soube que há algo embaixo do solo. E você soube como? Por

dedução? Não, porque a experiência de andar pressupõe esse conhecimento. Se você supusesse, por um único minuto, que a superfície é apenas uma superfície e que não há nada segurando, você não andaria, você não teria aquela confiança de andar sobre o solo. Por que quando o sujeito vai atravessar uma superfície gelada ele hesita? Porque ele não sabe a espessura do gelo. Você tem a mesma precaução quando anda na terra? Não, jamais. Então você sabe que o gelo pode ser mais espesso ou menos espesso, mas a terra, não: ela sempre tem espessura e, por isso mesmo, você anda sobre ela.

É isso tudo que eu chamo de círculo de latência. A realidade é círculo de latência. Ela é latente considerada apenas em relação aos nossos órgãos dos sentidos, porque ela não está patente para os órgãos do sentido, mas ela está patente para o ser humano concreto, inteiro. Ela não é obtida por dedução. Se fosse por dedução, se nós só percebêssemos “dados dos sentidos” e o resto tivéssemos que deduzir, cada um de nós teríamos que ter montado um sistema metafísico imenso, desde o bercinho, para pegarmos a primeira chupeta. Se o garoto estende a mão para pegar a chupeta é porque ele sabe que a chupeta não vem. E ele sabe por quê? Por tentativa e erro? Para ele saber isso por tentativa e erro, ele precisaria ter tentado isso com todos os objetos possíveis e imagináveis. Nenhum bebê é tão idiota de tentar pegar tudo até ver que as coisas não vêm. Existem algumas coisas que ele pode ficar em dúvida se vêm ou não vêm, mas, em geral, se ele estendeu a mão para pegar, é porque ele sabe que não vem. Mesmo que ele erre quanto à distância, quer dizer, ele acha que alcança a chupeta, mas a chupeta está na mesa e ele não alcança, então ele errou na medida, mas isso prova que ele sabe que a chupeta não virá a ele. Ele não chama a chupeta: “chupeta, vem aqui”, mas ele chama a mamãe.

Então, este conjunto de latências é a própria realidade na qual nós estamos. O conhecimento do universo inteiro dessas latências é o conhecimento da realidade. Nós vivemos num mundo de latências e não num mundo de coisas, objetos dos sentidos. Objetos dos sentidos é um recorte lógico que nós fazemos depois, nós separamos aquilo que é acessível aos nossos sentidos daquilo que conhecemos por algum outro modo. O modo de conhecer o círculo de latência é o que eu chamo de conhecimento por presença. Não poderia haver o conhecimento pelos sentidos se não existisse o conhecimento por presença. Conhecimento por presença é o seguinte: você sabe que você está dentro da realidade, você sabe que não está no vácuo, isto é, ninguém jamais nasceu e acordou no vácuo, ele está em algum lugar, este lugar por sua vez está dentro de outro lugar, que está dentro de outro lugar e isso se estende indefinidamente, você não sabe onde termina, mas você sabe que é grande. Então, como você não sabe onde termina, mas você sabe que está lá, aí a coisa se define precisamente como uma latência. Quer dizer, este conhecimento não só da nossa presença no

mundo, mas da presença do mundo para nós e da presença do mundo para os demais seres que estão nesse mundo, isto é imediato e sem isso não seria possível a percepção sensível. Por que eu digo isso? Porque a percepção sensível separa umas coisas das outras, mas você não pode separar o que não está lá. Se não existe a percepção da presença geral, você não pode, dentro dela, separar uma parte sensível duma parte insensível. Isso quer dizer que tudo o que essa psicologia materialista fez, desde, sei lá, o século XVI, está tudo errado, isso é uma estupidez fora do comum. E é preciso que inverter urgentemente.

Aluno: o ponto principal disso é que o próprio processo de aprendizado desde que a gente nasce não é o que a gente costuma pensar que é aprender, captar e coerenciar os objetos, e sim as latências.

Olavo: Claro. As latências são os verdadeiros objetos. O objeto se compõe da sua presença, das suas qualidades manifestas e latentes, das suas ações patentes e latentes, das suas possibilidades atuais e potenciais de sofrer ações, das suas relações precisas com os demais objetos. Por exemplo, você sabe que uma cadeira pode estar no chão em frente de uma estante onde tem livros, mas a cadeira não estará na estante de livros. Essa é uma relação muito precisa, não é trocável.

Todo problema consiste em que, na hora que você quer raciocinar, você raciocina a partir de elementos depositados na memória já separados, que já não são os entes concretos: a sua recordação já é parcial. O que você teria que fazer? Antes de você raciocinar, você teria que corrigir, você teria que completar. Mas isso dá trabalho, então você raciocina a partir de símbolos simplificados, de esquemas simplificados guardados na memória, aos quais você dá o nome que os simplifica mais ainda, porque os designa só pelo que eles têm de semelhantes com outros objetos da mesma espécie.

Os gatos, as mesas, as lagartixas, os raios, os trovões, as tempestades etc., cada uma dessas é uma coisa que está agrupada com outras da mesma espécie e não situada dentro do seu contexto total real. A partir da hora que você toma esses conceitos abstratos como se eles fossem coisas reais, você vai parar no mundo da lua. Agora, existem ciências inteiras montadas em cima disso, porque todos os objetos da ciência são objetos abstrativos, nenhum deles existe, nenhuma ciência estuda nada que existe: é impossível.

Aluno: por que a própria latência dos objetos e a relação dessa latência – as inter-relações entre os objetos – são inabarcáveis.

Olavo: são inabarcáveis, mas elas não são um caos, elas são precisamente a organização total. Veja, a nossa de abstração é uma noção secundária em relação ao senso de organização. Quer dizer, a organização é um sistema de relações e distinções muito claro que já estão dados na percepção. Se não fosse isso, não seria possível trabalho abstrativo. Se o que nós recebemos do mundo fosse um caos, você não saberia nem o quê separar do quê. Mais ainda, os objetos já trazem em si a sua forma inteligível (é a noção aristotélica da forma inteligível), isso quer dizer que cada objeto mostra imediatamente **[0:30]** o que ele pode ter de comum e de diferente com outros da mesma espécie, e ele mostra isso até esteticamente. Por exemplo, vendo o primeiro gato, que é preto, você instantaneamente supõe que pode haver um gato branco, um gato malhado etc., mas não um gato verde. Como é que a gente sabe disso? Todo mundo sabe disso. Quer dizer, cor daquele objeto – estou falando de animais ou vegetais –, a cor que ele apresenta admite uma certa variação, porque nenhuma cor está grudada no seu objeto de maneira absoluta, toda cor tem gradações internas, e, nessas gradações internas, você vê as possibilidades de diferenciação: o preto do gato já tem o branco entre as suas gradações possíveis, mas você sabe que se algo aparecer ali de verde é por causa de um reflexo da luz e não por causa do pelo do gato. A multidão de coisas que nós sabemos por percepção imediata não tem medida comum com todo conhecimento humano científico, literário, filosófico etc. acumulado ao longo dos tempos. E eu acho errado isso que eles chamam de conhecimento “pré-categorial”, porque a noção de categorias já está dada na percepção do círculo de latência, não existe uma percepção pré-categorial, nem um pensamento pré-categorial, nada é pré-categorial, as categorias fazem parte da própria estrutura da realidade: perceber algo é percebê-lo categorialmente, senão você tem apenas uma sensação confusa; mas mesmo a sensação confusa é uma sensação confusa e não outra. O círculo de latência não é um caos, é um mundo extremamente organizado sem o qual não seria sequer possível a percepção sensível. Quer dizer, nós não estamos dentro do mundo físico, nós estamos dentro da realidade. Mundo físico é um nome que você dá a um aspecto abstrativamente separado da realidade e que não existe em si mesmo; não existe nem jamais existirá. Um mundo que fosse constituído somente das propriedades conhecidas pela física não pode existir, porque a física tem uma história, e de qual física você está falando? A de hoje ou a daqui a dez dias? A física do Newton ou do Max Planck? Veja: a ideia de uma concepção científica do universo? Faz-me rir. As ciências não podem ter uma concepção do universo, elas podem ter apenas a concepção dos seus próprios objetos, os quais necessariamente são aspectos abstrativos do universo e não o próprio universo. É preciso que você tenha uma concepção do universo tirada diretamente do círculo de latência para que seja possível o conhecimento científico. Então, você imagina um mundo real composto somente das qualidades conhecidas até hoje pela física. Ela necessariamente esse mundo exclui as qualidades que a física descobrirá amanhã, então não é um mundo real, é um mundo inventado! Agora, nós podemos existir realmente num mundo parcial,

num mundo abstrato? Não, nós só podemos existir num mundo concreto. O conhecimento do mundo concreto é um conhecimento, primeiro, imediato; segundo, organizado; e, terceiro, que implica uma noção muito exata da estrutura dessa realidade. Por exemplo, o fato que nós não sabemos onde termina. Mesmo em épocas mais confiantes, que acreditavam ter uma concepção inteira do universo, onde terminava esse universo? Terminava no trono divino. E o que tem pra lá do trono dividido? Não sei. Mesmo a concepção que, erroneamente, o Alexandre Koyré chama de concepção fechada do mundo não é fechada é aberta, porque a dimensão divina é infinita. Então você não saber onde termina a realidade faz parte da estrutura da realidade, meu Deus do céu! Ninguém jamais existiu dentro de um universo fechado, o universo fechado é construção da abstração mental, não é um dado da própria realidade – nunca foi. Então, aí aquela ideia fantástica do Anaximandro, o apeíron: o conjunto do que nós sabemos está dentro do conjunto do que nós não sabemos, o conjunto do que é acessível a nossa experiência está dentro do conjunto que não é acessível. Mas esse que não é acessível é o fundamento do que é acessível e nós contamos com ele, nós sabemos que esta lá assim como nós contamos com a profundidade do solo. E contamos não mentalmente, nós contamos no próprio ato de andar: se eu vou botar meu pé aí é porque eu confio que não vou afundar. Tudo isso aí seria um conhecimento pré-filosófico, ou pré-científico, da realidade, mas na verdade, pensando bem, ele é muito mais filosófico e muito mais científico do que quer que a ciência tenha a fazer, porque toda a ciência se baseia nele.

Aluno: sabendo ou não.

Olavo: sabendo ou não, admitindo ou não. Em geral, não admitem porque são um bando de ignorantes. O que o sujeito faz quando vai estudar uma ciência? Ele entra dentro de uma atmosfera de diálogo onde só se fala de certas coisas, e essas coisas, pra ele, passa a ser o mundo. Pelo efeito da repetição, aquilo tem um resultado hipnótico na mente do cara: é aquilo que todos creem. Ou seja, cria-se uma espécie de senso comum daquela comunidadezinha científica, daquela faculdade tal, e ele acredita naquilo, ele acredita que os caras que estão lá sabem o que é o mundo, e que quem está fora não sabe.

Agora, se você fizer uma assembleia de macumbeiros também tem a mesma crença, eles conhecem uma série de mecanismos mal descritos, de forças ocultas, que eles mais ou menos podem mobilizar, e eles acreditam que quem desconhece essas forças ocultas está fora da realidade e quem está dentro são eles. Mas, na realidade, eles estão todos fora da realidade. A partir da hora que você cria esta comunidade de diálogo, você já está fora da realidade, você criou um *cosmum*: um pequeno mundo. Agora, é nesse pequeno mundo que eles vivem? Não, é desse que eles falam, mas

na vida real todos voltam ao mundo real. Quer dizer, o físico não anda num universo definido pela física, mas num universo que tem tudo aquilo que está na física e tem mais um monte de coisa que não está na física. Ele não poderia ir pra casa baseado somente no conhecimento que ele tem da física. Isto quer dizer que aquela física não reflete um mundo real, reflete um aspecto abstrativo que está dentro do mundo real. Supondo que esteja tudo certo, supondo que tudo o que a física disse a respeito do mundo está certo, ainda assim ela seria apenas um aspecto do mundo.

Vejam: quando a autoridade dos cientistas começou a sobrepujar a autoridade da igreja, o que aconteceu? A igreja não supõe que ela conhece o universo, a Igreja bóia dentro do mistério. Tem um monte de coisa que a igreja diz pra você que ela sabe que aconteceu, mas ela não tem a menor explicação daquilo. Ela sabe que não entende o conjunto da estrutura, ela sabe que percebe esse conjunto, mas não o entende. Então, o que ela passa é uma mistura de conhecimento e desconhecimento que corresponde exatamente à estrutura do mundo real, que é uma mistura de conhecimento e desconhecimento, isto é, você tem o recorte onde você vive e tem o ápeiron envolta. Agora, a ciência não considera [0:40] que a sua ignorância faça parte da sua estrutura. O que a ciência desconhece é considerado apenas um território a ser conquistado no futuro e em cima do qual eles começam a lançar nota promissória. Mas esta parte desconhecida não tem uma presença efetiva na descrição científica, por isso que a descrição científica é puramente abstrativa e no fim das contas é falsa. Porque ela se refere ao mundo conhecido, ao mundo que a ciência “x” ou “y” conhece num determinado momento. Dentro desse mundo nós não podemos viver, porque não é um mundo completo, é como se fosse um mundo bidimensional, é uma faixa que está limitada verticalmente, ou seja, verticalmente considerado ele é uma faixa e horizontalmente considerado ele é limitado. Então jamais podemos viver dentro do mundo da ciência, nós temos que viver num mundo que seja descrito segundo sua estrutura real, na qual a parte desconhecida tem uma presença positiva, atuante. Quer dizer, a parte relegada ao mistério... o mistério faz parte da estrutura da realidade; ele só não fará se você considerar que o mistério é apenas uma ignorância que você tem, e a ignorância não é considerada uma coisa legítima em si mesmo, que ignorância está destinada a ser destruída pelo conhecimento no futuro. Então isso quer dizer que a ciência não pode reconhecer a presença efetiva do desconhecido, ela reconhece o desconhecido só negativamente, o negativo não faz parte da realidade científica. Mas uma concepção que não abrange em si a presença atuante e positiva do desconhecido é uma concepção irreal, porque nenhum de nós tem conhecimento completo de si mesmo. Tem as parcelas da sua história que você ignorou e que você nunca soube, tem aqueles pensamentos que você teve e que foram embora, tem parcelas da sua história que você esqueceu, tem aquilo que você não quer saber. Nós contamos com tudo isso na realidade. Por exemplo, em determinadas situações extremas, você sabe como vai reagir? Você não sabe. E essa

sua possibilidade de ter uma reação imprevisível, você conta com ela, ela faz parte da sua personalidade. Por exemplo, você espera, numa situação extrema, não dar uma demonstração nem de covardia, nem de maldade, nem de violência; você espera isso, mas não pode garantir. E o fato de que você não pode garantir não é apenas uma deficiência, não é uma negatividade, é uma presença real que compõe o seu ser. Só podemos considerar como aceitável, racionalmente, uma concepção do mundo que inclua o desconhecido como presença permanente, atuante e positiva, como um dado da estrutura da realidade e não apenas como um sinal da precariedade dos nossos conhecimentos atuais, que é a noção ingênua que esses cientistas têm. Quase todo o círculo desse pessoal que fala publicamente em nome da ciência raciocina nessa base. Claro que um cientista com uma formação filosófica melhor sabe que isso é bobagem, mas eu estou falando da presença pública, quer dizer, ciência como uma autoridade pública. A ciência como autoridade pública é cega e burra, na mesma medida em que ela pensa que tudo aquilo que ela desconhece é apenas um estado provisório do seu desenvolvimento, e não um dado permanente da realidade.

Entenderam o que o Mario estava falando do conhecimento e desconhecimento? Quer dizer, tanto no nosso conhecimento quanto na estrutura da realidade existem aspectos de conhecimento e de desconhecimento. E medir as duas coisas é muito importante pra você saber do que você está falando. De tais ou quais objetos, eu conheço certos aspectos e desconheço outros. Disso o que eu conheço ou desconheço, em geral, no referente aquele objeto, o que pode se atualizar mais tarde? Ou seja, que aspectos podem se tornar conhecidos e que outros podem sumir do meu alcance? Por exemplo, quando o sujeito está ficando velho e você quer um depoimento sobre a vida dele, você tem pressa porque sabe que, passadas duas semanas, ele pode estar com Alzheimer e esquecer, que pode não adiantar mais perguntar para ele, porque ele não lembra mais. Então, isto aí escapou do seu conhecimento, mas isso faz parte da situação real. O fato de que o sujeito esqueça uma parte da sua história faz parte da presença real dele naquele momento.

Tudo isso que eu estou falando é um esforço de raciocinar filosoficamente a partir da experiência real tomada com o máximo de honestidade, quer dizer, não ocultando de mim mesmo nada que eu sei e não incluindo no que eu sei nada do que eu não sei. **[transmissão encerrada]**

Parte IV

Aluno: em quanto você estava fazendo a primeira explicação, eu fiquei pensando: como pode uma disciplina que existe com a missão de nos explicar o funcionamento da realidade, que ela faça recortes, tudo bem, a gente admite, mas que ela parta de uma abstração.

Olavo: não, o problema não é ela fazer abstração, o problema é ela esquecer que a abstração é apenas uma abstração, o problema é que ela se esquece da onde ela tirou aquilo, porque é claro que é mais fácil você lidar só com os conceitos abstratos já pronto, do que você ter que toda hora dissolver tudo aquilo numa experiência na qual você teme só encontrar caos e desordem. Essa atitude cria dois problemas: primeiro, você está raciocinando só sobre coisas irreais, porque são abstrações já amputadas da experiência da qual elas emergiram, então a abstração fica valendo como se fosse uma coisa efetivamente existente; e em segundo lugar, quanto mais você se acostuma raciocinar dentro dessa esfera fechada de conceitos, mais você fica com a impressão que a realidade originária, a realidade da experiência era um caos, porque a ordem dos pensamentos que você colocou, a ordem das razões lhe parecem muito clara e muito translúcida, e, em comparação com isso a experiência originária parece caótica. Daí a ideia do Kant de que o que vem da experiência é puramente caótica e é a nossa mente que ordena tudo. Digo: isso é absolutamente impossível, pois a mente não tem essa capacidade. Eu jamais me lembro de ter ordenado o mundo. Ao contrário, eu me lembro que às vezes quando eu acordava meio tonto e eu nem lembrava quem era eu, e daí você olha e vê o mesmo quarto, a mesma cama, o mesmo lugar, você recupera a ordem dos seus pensamentos – o mundo externo está te botando ordem de novo. Quando você transita pelas ruas, você tem que já saber antecipadamente todas as ruas que você vai percorrer ou você a cada esquina vai verificando onde você está? Então isso quer dizer que é a ordem das ruas que esclarece a ordem do trajeto que você está percorrendo e não ao contrário. A experiência primária não é um caos, mas, ao contrário, ela é a ordem do mundo que se apresenta pra você. É claro que é uma ordem mais complexa do que a dos seus pensamentos, e é claro que ela não é uma ordem dizível, expressável na sua totalidade, ela só é expressável em termos muito gerais como eu estou fazendo. Mas a ordem dos nossos pensamentos se fundamenta nesta ordem da experiência primária, quer dizer, a ordem dizível se assenta numa ordem indizível. Assim como hoje, com esse negócio de programação neolinguística, a gente sabe mais que sobejamente que a comunicação verbal se baseia numa comunicação não verbal prévia, sem a qual a comunicação verbal seria impossível. Por exemplo, nós sabemos que a posição, a expressão, o tom, tudo isto que em si mesmo não é verbal, que não faz parte da linguagem, é um componente inerente do significado das palavras; se você amputar isso aí, você não entende as palavras. As mesmas palavras ditas com expressões diferentes ou com gestos diferentes significam exatamente ao contrário, ditas em lugares diferentes, significam o contrário. Toda essa rede, essa semântica não verbal sustenta a possibilidade da comunicação verbal em cima. Mas quando os filósofos e cientistas acharam que era possível você expressar verbalmente a ordem do universo a partir dessas abstrações que tinham feito, sem voltar a levar em conta a ordem da experiência imediata (então isso quer dizer eles acreditavam que eram eles que tinham que colocar

ordem no universo, em vez de simplesmente reconhecer a ordem que já se dá na experiência), aí começou um sistema de alienação. E a partir daí começa a paralaxe cognitiva, começa o messianismo, os movimentos revolucionários, começa tudo quanto é loucura. Sem contar a parcela de mentira e fingimento proposital que houve na origem das ciências (nós nunca podemos esquecer isso), porque as concepções científicas modernas se formaram não diretamente contra a Igreja Católica, mas como camuflagem de crenças ocultistas e mágicas etc. e que, estas sim, eram contra a Igreja Católica. Todos esses cientistas que formaram o mundo moderno, desde René Descartes, Newton, todos eram ocultistas, todos sem dúvida! Só que eles inventavam uma linguagem que parecia transferir a discussão para um terreno neutro, chamado terreno científico. Então, todo esse terreno científico nasce de uma empulhação, ele não existe, e os fundadores da ciência moderna sabiam disto, todos eles sabiam. Você veja: a central da formação da ciência moderna foi a Royal Society em Londres. Todos os fundadores da Royal Society – a começar pelo fundador, o cara que inventou, **Elias Ashmole** – eram alquimistas, macumbeiros etc. Newton também era alquimista, macumbeiro etc. Eles conceberam um terreno supostamente neutro como camuflagem, pois esse terreno não existe. Agora, o mundo do ocultismo tem uma vantagem: eles se referem ao mesmo mundo real que se refere ao mundo da religião, ele abrange em si o mistério, o desconhecido etc. Então, neste sentido, ele é mais real do que o mundo da ciência – nós nem estamos levando em conta esse aspecto histórico, eu estou tentando fazer o exame teórico do negócio do círculo de latência.

Aluno: então dá para situar, aqui, que quando o senhor fala que a gente acaba acreditando que o conhecimento científico é mais real do que a própria realidade ou mais ordenado...

Olavo: mas isto é loucura, isso é psicose.

Aluno:... é porque ele é muito mais fácil de ser captado.

Olavo: de certo modo ele é mais confortável, porque ele te dá uma ilusão de conhecimento sem ignorância, de conhecimento sem desconhecimento interno, ou seja, é o mundo totalmente translúcido. Nessa translucidez pode haver em certos domínios que foram recortados precisamente pra isso. O pessoal esquece o que é uma ciência. Uma ciência é uma suposição de que um certo campo de fenômenos obedecem a uma constante, e o recorte, por sua vez, é feito com base nessa constante. Então claro que é um raciocínio tautológico. Mesmo assim, às vezes, a tautologia dá errado, porque você recorta os objetos e vê que eles obedecem exatamente àquela constante, ou tem uma outra, ou não tem constante nenhuma etc. etc. Mas idealmente o raciocínio científico foi feito

para dar certo, porque ele recorta os objetos segundo o molde de uma constante e, em seguida, tenta provar que eles obedecem a essa constante. Isso é uma ciência, a ciência não é mais nada do que isso. Então é claro que ela tem que dar certo. E é claro que a possibilidade de uma aplicação técnica está inerente a isso aí, porque o que quer que seja, sobre o qual você possa a ter um domínio, é porque você captou uma certa relação de causa e efeito que deve permanecer constante independentemente das demais variações. A hora que você descobre [0:10], por exemplo, que você, passando uma lâmina sobre uma superfície qualquer, você corta aquela superfície, isso pode ser generalizado até certo ponto, pois existe superfície que resiste, existe superfície que requer outro tipo de lâmina etc. Mas você captou uma relação de causa e efeito e ela independe de praticamente de todas as variações externas. Porém, quando você fez isso, você já selecionou o material da lâmina e o material a ser cortado pela relação que você pretende estabelecer entre eles. O primeiro sujeito que inventou o serrote, ele o inventou para serrar madeira e não a água, porque já excluiu a água. Quer dizer, seleção dos fenômenos a ser abrangidos por aquela relação já está dada pela relação que você concebeu abstratamente antes, então tem que dar certo e tem que poder dar aplicações técnicas. Isso não quer dizer que esta relação valha por si considerada fora do campo inteiro da experiência de onde ela foi recortada. A própria possibilidade do progresso científico depende de que os recortes fenomênicos, que você fez e as relações que você ali primeiro estabeleceu e depois reencontrou, possam ser dissolvidos em conjuntos maiores, ou especificados por conjuntos menores. O que já prova que se você somar tudo o que a ciência sabe num certo momento você não obtém um mundo real, você obtém apenas série de perspectivas humanas sobre um mundo real no qual o desconhecido e o desconhecimento continuam presentes como elementos atuantes e positivos, e não apenas como um defeito a ser corrigido amanhã ou depois. A própria ideia de tomar o desconhecido como se fosse apenas o sinal de uma precariedade dos nossos conhecimentos atuais, já revela a expectativa insensata de que o desconhecido será removido no futuro. Como se o desenrolar de uma ciência fosse apenas uma acumulação de conhecimentos positivos e não, às vezes, a descoberta de elementos contraditórios que geram crises no seio dessas ciências, e que colocam tudo em questão de novo – como aconteceu na famosa crise dos fundamentos da física no começo do século XX, crise da qual, na verdade, ela não saiu até hoje.

Aluno: essa explicação toda é na verdade a continuação da explicação de ontem? Ontem a gente falou de conjunto de possibilidades, de que círculo de latência é só o conjunto de possibilidades de uma coisa real.

Olavo: sim. O círculo de latência é a própria realidade, a realidade é o círculo de latência. Agora, o que eu estava dizendo é que no momento em que a Igreja, como autoridade social, foi substituída

pela classe dos cientistas houve uma mutilação tremenda. Por quê? O que é a igreja? É o conjunto dos camaradas que tem a experiência do encaixe entre o conhecido e o desconhecido. Eles estão permanentemente naquela fronteira, então é essa tecnologia que eles têm: a do diálogo do conhecido com o desconhecido. Então, isto significa o seguinte: eles estão conscientes da estrutura da realidade. Mas, a partir da hora em que a classe que toma as decisões, e que até orienta moralmente as pessoas, é um círculo de indivíduos, que acredita só no conhecido e que faz abstração do desconhecido como se fosse um defeito, é claro que a cultura e que, portanto, a humanidade inteira foi removida para o mundo da carochinha. A ciência moderna é diretamente culpada pelas ideologias, pelos movimentos revolucionários etc. etc. Na hora que você transfere as pessoas do mundo real para um mundo idealístico composto só de coisas conhecidas, você, implicitamente, já os convidou a controlar o fluxo dos acontecimentos. Não é à toa que todas essas ideologias revolucionárias, sem exceção, sempre se basearam em teoria científicas, mas, nunca em religião. Não existe nenhum movimento revolucionário baseado em crença religiosa, porque crença religiosa não dá base pra isso. Na crença religiosa, você tem que contar com a interferência de um Deus que você não controla e é ELE quem vai decidir o curso da história, a não ser que você suponha que o conhece. Mas da onde surge essa suposição que você o conhece? Ela o mais característico produto de uma teologia de merda feita por pessoas com mentalidade científica, como o René Descartes e outros. **A ascensão dos cientistas ao primeiro plano da sociedade foi um desastre e nós temos que tirá-los de lá.** A ciência só é válida quando ela não tem autoridade social nenhuma, porque ela tem que estar sempre aberta à nova investigação, à nova pesquisa e ela tem que estar consciente das suas limitações o tempo todo. E para isso ela tem que abdicar da sua autoridade social, porque se ela num dia tal ela determina que as coisas são assim ou assado, ela não pode dizer amanhã ou depois: “ah, não são mais”.

Aluno: uma pergunta. Eu me lembro de uma aula que você disse que se não houvesse o infinito a gente não teria como perceber a passagem do tempo, então esse dualismo entre conhecimento e desconhecimento é a mesma coisa? Se não houvesse desconhecimento...

Olavo: não é a mesma coisa, mas é análogo, quer dizer, finito e infinito, conhecido e desconhecido. O desconhecido não é necessariamente o infinito, existe o desconhecido dentro da esfera finita, existe mais outro desconhecido dentro da esfera infinita. Então é um análogo. Quer dizer, sem o desconhecimento nós não podemos imaginar sequer o conhecimento. E o próprio ato da abstração já significa ignorar certas coisas, porque você naquele momento as considera irrelevantes, mas você não sabe se são irrelevantes de fato. Não faz sentido você dizer que a ciência é permanentemente autocrítica, que está continuamente se contestando a si mesmo (?) e pretender que ela tenha uma

autoridade de dizer como as coisas são. Dizer como as coisas são é conhecer a realidade, então isso pressupõe uma coisa que se chama sabedoria, que é uma qualidade muito rara. E a sabedoria se marca pela penetração do indivíduo em regiões que ele também não entende, mas de onde ele obtém uma informação certa, porque ela permite, por exemplo, o dom profético: dizer que tais coisas vão acontecer e elas acontecem mesmo. Ele não tem a explicação causal, mas ele tem o dado seguro.

Bom, acho que hoje deu, não é?

Aluno: hoje deu. Eu ia falar só uma coisa que não precisa gravar.

Olavo: está gravando, pode falar.

Aluno: é que eu já falei isso em outra aula que você deu, e porque isso é muito recorrente entre as pessoas que têm, digamos assim, uma má vontade pra admitir que existe um lado [0:20] misterioso e desconhecido na própria estrutura realidade e que isso te diz muito sobre a realidade talvez seja uma coisa mais importante quando você quer compreender e explicar.

Olavo: bom, mas é só você perguntar para a pessoa: quem está falando isso é só aquela parte de você que sabe quem você é ou é você inteiro? Você, que está aqui na minha presença, sabe tudo sobre você? Não. Então você não sabe exatamente quem está dizendo isto. Está parte sua desconhecida, vamos dizer, é um elemento presente atuante em você ou não? Por exemplo, você não sabe a data da sua morte, no entanto é seguro que você vai morrer. Os mecanismos, as forças que vão matar você já estão em ação dentro de você neste momento. Então elas também estão falando pela sua boca e você não tem a menor ideia do que elas vão fazer contigo amanhã ou depois. É aí você está na realidade. O conhecimento da realidade implica não só admissão, mas a abertura ao desconhecido e, portanto, a abertura ao infinito.

Aluno: e quando você deu a explicação sobre a igreja, ela admite esse lado que você citou, ela sabe muito mais a respeito da estrutura da realidade do que qualquer ciência, vamos dizer assim. E quando houve todo um movimento científico na história que derrubou o prestígio que a igreja tinha como mestra...

Olavo: o que derrubou a igreja não foi o movimento científico, foram movimentos ocultistas que criaram este mito do conhecimento científico, que seria um terreno neutro (isto é um mito, mas até

certo ponto ele funciona dentro dos seus limites), criaram este mito para poder atacar a igreja desde um terreno supostamente neutro, que é o mesmo truque que se repete na coisa do estado laico. O estado laico é aquilo que não toma partido em matéria de religião, portanto, ele está livre para perseguir a religião.

Aluno: quando na verdade é 100% falso.

Olavo: é uma falsa neutralidade criada para combater.

Aluno: e quando de novo a figura da má vontade, na hora em que você está explicando isso: “ah, então, se dependesse de você o mundo estaria ainda numa situação quase pré-histórica, porque nós não teríamos um automóvel, nós não teríamos anestesia para poder fazer uma cirurgia, salvar vidas”; eu vejo muito isso nas discussões.

Olavo: você está supondo, primeiro, que quem descobriu tudo isso foi o ocultismo ou foi o ateísmo...

Aluno: sim, que isso foi uma contribuição do ateu pra...

Olavo: tem coisa que não foi, absolutamente.

Aluno: que é uma confusão entre ciência e tecnologia.

Olavo: também, claro, tem uma confusão entre ciência e tecnologia. A maior parte dessas conquistas é pura tecnologia e não ciência, e, daquela que é ciência, uma boa parte foi feita por sujeito que eram crentes também, e que não separavam totalmente. A primeira geração de cientistas estava numa posição incerta entre o cristianismo e o ocultismo. Não eram decididamente ocultistas anticristãos; não eram. Eles queriam de alguma maneira reintegrar esse legado ocultista dentro do cristianismo, o que em si não era uma coisa totalmente errada. Eu sei o seguinte: você sem levar em conta esses elementos – o ocultismo e a religião –, você não entende nada da história da ciência moderna, aquilo não faz sentido. Mas isso aí já é um outro problema.

Bom. Por hoje, acabou. **[transmissão encerrada]**

Transcrição: Gabriela Conrado Brassaroto (gabitous@hotmail.com) e Hugo Medeiros (hugo.e.medeiros@gmail.com).